

RESENHA

A loucura da razão econômica: Marx e o Capital no Século XXI, por David Harley. São Paulo: Boitempo, 2018. ISBN: 9788575596432

Resenhista:

Bráulio Castillo Dutra Borges¹

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Universidade Estadual da Paraíba

João Pessoa – Paraíba - Brasil

David Harvey, britânico, geógrafo, professor da *City University of New York*, é um dos autores marxistas mais influentes da atualidade. Sua produção bibliográfica é vasta, com inúmeras obras importantes. Em seus trabalhos, Harvey parte sempre de uma perspectiva marxista para explicar os dramas socioeconômicos do tempo atual. Em “**A loucura da razão econômica: Marx e o Capital no Século XXI**”, ele retorna mais uma vez o trabalho de Karl Marx, desta vez para fornecer uma sistematização de sua obra capaz de expor e dissecar os sintomas de uma ‘loucura da razão econômica’. O título da obra é herdado de um escrito de Jacques Derrida, cujo foco era uma crítica ao *potlatch*, uma cerimônia das sociedades primitivas que destruía riquezas como forma de oferenda aos deuses da prosperidade. Segundo Harvey, esse é um movimento parecido ao que a sociedade atual faz do capital no século XXI. Por todo o livro, ele disserta sobre os processos que levam a essa ‘loucura racional’, sob à luz do *O Capital*, de Marx. Nos 9 capítulos, sua obra atualiza o aparato analítico d’O Capital, adaptando-lhe às contradições capitalistas contemporâneas.

Harvey evita fazer uma mera leitura histórica da obra de Marx. Em vez disso, ele apresenta Marx como um fornecedor de respostas para as crises econômicas contemporâneas. Como resultado, ele usa o trabalho de Marx como uma caixa de ferramentas com a qual ele atualiza e aplica vários conceitos para iluminar as contradições contemporâneas do capital. Sua análise é vasta, cobrindo variados tópicos, como o consumo global de recursos naturais, a política econômica chinesa, a crise da dívida grega e propostas para novos acordos comerciais internacionais, como o *TTP (Trans Pacific Partnership)* e o *TTIP (Transatlantic Trade and Investment Partnership)*. Ele sustenta que o cotidiano é indissociável da irracionalidade do capital, fato que gera um estado perpétuo de crises cíclicas. Contra isso, ele sugere que o trabalho de Marx é uma ótima alternativa para as sociedades saírem dessa aparente armadilha. De fato, seu novo livro convida o leitor a entrar no mundo conceitual do marxismo e tenta distanciar-se da complexa linguagem econômica.

¹ brauliodutra@gmail.com

O primeiro capítulo do livro, “A visualização do capital como valor em movimento”, traz uma introdução a algumas ideias centrais de Marx. Harvey explana sobre o processo de circulação do capital, traçando uma analogia ao ciclo da água. Assim como a água, sustenta ele, o capital se movimenta por meio de vários estágios, sofrendo mutações na sua forma, em diferentes ritmos, por diferentes lugares, mas sem perder sua essência. Ao se mover por cada estágio, ele encontra certas barreiras, identificadas por ele como as causas das crises. A crise acontece, segundo ele, quando o capital permanece imóvel em alguma dessas fases, razão pela qual não pode completar seu ciclo.

No capítulo seguinte, “O Capital”, ele faz um resumo esquematizado dos volumes da obra homônima de Marx, argumentando que o volume I de “O Capital” só se ocupa da parte da produção do circuito (a produção de valor e mais valia), enquanto o volume II aborda a realização e a circulação de capitais entre os setores em sua reprodução e o volume III se refere à distribuição desse valor. Na completude da obra, Marx não chega a explicar a evolução do capitalismo moderno. Harvey atribui isso ao fato de Marx ter falecido após a publicação do primeiro volume, de tal sorte que os dois volumes subsequentes foram editados e publicados por seu parceiro Friedrich Engels.

O terceiro capítulo, “O dinheiro como representação do valor”, traz um apanhado sobre as diferentes visões que “O Capital” contempla do dinheiro, como meio de pagamento, meio de financiamento e mercadoria autônoma. Segundo ele, o abandono do padrão ouro, no início dos anos 1970, trouxe uma contradição incontornável ao sistema monetário, permitindo que a circulação de capital financeiro tomasse a principal rédea do processo de movimentação, sem respeitar as limitações físicas de produção e acumulação de capital. Com isso, o sistema financeiro se torna o principal vetor de crises, mormente por incapacidade de recircular o capital de forma eficaz.

O capítulo denominado “Antivalor: a teoria da desvalorização”, quarto da obra, traz uma contribuição teórica do próprio Harvey. Nele, o britânico toma como premissa a ideia de valor em movimento de Marx (do dinheiro para tempo de trabalho, então para mercadorias e, finalmente, mais dinheiro) para formular a ideia de “antivalor”. Conforme o construto do geógrafo, o “antivalor” é uma parte da mecânica do capitalismo e constitui um valor produzido, mas não realizado, não distribuído, não colocado na cadeia do movimento de valor. O *antivalor* é uma reprodução de perda de valor, compensada pela dependência do crédito, cuja natureza é baseada em juros, a se realizar no futuro. Isto quer dizer que, segundo esse construto, a produção de valor é dependente da destruição de valor, o “antivalor”. Compreende-se, portanto, que Harvey deseja evidenciar mais uma loucura da razão econômica, pois esta dependência do sistema financeiro é uma realidade para grande parte dos sistemas econômicos nacionais, cujos financiamentos são galgados em dívida pública e juros de longo prazo para pagar os custos hodiernos.

No capítulo subsequente, “Preços sem valor”, ele atualiza a preocupação que Marx tinha de apropriar bens e valores que nada custavam pelo capitalista do século XIX. Ele considera análoga à

situação das informações geradas pelo trabalho colaborativo nas plataformas de alta tecnologia. Isto ocorre, atualmente, quando o Uber, a Google ou a Apple capturam informações dos *smartphones* e usam comercialmente, pois esses dados têm “preço”, mas não custaram “valor” de produção.

No sexto capítulo, “A questão da tecnologia”, Harvey lembra que o livro II do capital de Marx traz constantes menções às dinâmicas do capital com a tecnologia e a ciência, sustentando que a busca pela tecnologia na produção era guiada por maximização de lucros. Harvey retoma essa premissa para alertar o fato de que a utilização total da tecnologia na produção põe em risco todo o sistema de trabalho assalariado que é a base do capitalismo, consistindo em mais uma contradição.

Em “O espaço e o tempo do valor”, Harvey lembra a preocupação espaçotemporal de Marx na formação de mercados mundiais, impossíveis de ocorrer com a tecnologia disponível à época, mas existentes atualmente. Ele lembra a predição de Marx acerca da expansão incessante do capital, em busca de espaços não explorados, fato que explica o processo atual de entrada de empresas chinesas nos rincões mais inóspitos da África à procura de mercados inexplorados.

No oitavo capítulo, denominado “A produção de regimes de valor”, Harvey chama a atenção para a precarização socioeconômica que ocorre nos países periféricos que hospedam parte do processo produtivo intensivo em mão de obra. Neste diapasão, o britânico se aproxima do arcabouço teórico dos marxistas da “Teoria da Dependência”, escola de pensamento com origem na América Latina que denunciava a depauperação vivida nos países periféricos da região, mesmo após experimentar processos avançados de industrialização de suas economias.

O último capítulo da obra, “A loucura da razão econômica”, traz uma crítica geral às contradições contemporâneas pelas quais passa o capitalismo. Ele constrói sua narrativa passando por exemplos que evidenciam os efeitos dessa alegada irracionalidade, como o aumento exacerbado da dívida pública dos países, desde a década de 1980; a expansão da indústria chinesa mesmo após a crise de 2008; a supervalorização das empresas de tecnologia; e o aumento de atividade dos fundos abutres (os fundo *hedge*), que produzem ganhos quando há baixa nas ações de mercado.

Em retrospecto, Harvey questiona a racionalidade do funcionamento da economia contemporânea, na qual habitações são construídas para gerar lucro e não para pessoas viverem; linhas de crédito são autorizadas e incentivadas para atingir os resultados dos bancos e não para financiar a produção. A insanidade, segundo o autor, está na desconexão com as demandas sociais básicas. Arremata, ao fim, dizendo que a sandice econômica em voga está produzindo outros tipos paralelos de loucura, como o fortalecimento da extrema-direita na política mundial.

Em suma, essa obra é fundamental para todos os interessados nos dilemas da sociedade internacional atual, sejam internacionalistas, economistas, juristas, cientistas políticos e outros, capazes de influenciarem, de alguma forma, os rumos da “loucura da razão econômica.”